JUVENTUDE XAKRIABÁ DEMARCANDO ESPAÇOS NA UNIVERSIDADE: TRAJETÓRIA DE LUTA E RESISTÊNCIA

XAKRIABÁ YOUTH DEMARKING SPACES AT THE UNIVERSITY: TRAJECTORY OF FIGHT AND RESISTANCE

Adriana Santiago Oliveira (Drika Xakriabá)[1]

Resumo: Esse artigo tem como objetivo discutir a trajetória dos/as jovens estudantes indígenas Xakriabá. Tomando como referência o território Xakriabá, localizado nas proximidades das margens esquerda do Rio São Francisco, no município de São João das Missões, norte de Minas Gerais. No processo de luta e resistência nas universidades, a dificuldade de adaptação desses/as jovens em uma realidade tão diferente da que estão acostumados/as a viver e a importância para o povo de manter essa juventude com um pé na aldeia e o outro no mundo. Além de falar da participação da juventude na luta por direitos dos povos indígenas, também traz o contexto histórico e político que estão vivendo dentro e fora da universidade, em um momento em que o Estado brasileiro tem se tornado cada vez mais uma grande ameaça aos direitos desses povos. Como adaptar o processo de cultura fora do território sendo que a universidade não dá, para esse povo, um espaço para a prática da mesma?
Palavras-chave: Povos Indígenas; Universidade; Xakriabá.

Abstract: This article aims to discuss the trajectory of young Xakriabá indigenous students. Taking the Xakriabá territory as a reference, located near the left banks of the São Francisco River, in the municipality of São João das Missões, north of Minas Gerais. In the process of struggle and resistance in universities, the difficulty of adapting these young people to a reality so different from the one they are used to living and the importance for the people of maintaining this youth with one foot in the village and the other in the world. In addition to talking about the participation of youth in the fight for the rights of indigenous peoples, it also brings the historical and political context that they are living in and outside the university, at a time when the Brazilian State has increasingly become a major threat to rights of these peoples. How to adapt the culture process outside the territory, since the university does not give these people a space to practice it?
Keywords: Indigenous People; Unversity; Xakriabá.

INTRODUÇÃO

Neste artigo discutiremos sobre os desafios dos/as jovens Xakriabá na trajetória de luta e resistência no contexto territorial e acadêmico, ressaltando essa importância da presença e valorização da diversidade na universidade. Vale

[1] Acadêmica do Curso Psicologia, da Universidade Federal de Goiás-UFG/Regional Catalão, Brasil.

lembrar que todas as informações a serem colocadas e discutidas são uma visão de jovens indígenas enquanto povo e universitários/as Xakriabá, ou seja, suas vivências de comunidade tradicional e a forma como lidam com essa experiência de estar no contexto acadêmico.

As observações feitas acerca das universidades não são de forma generalizada, esta é a forma que esses/as jovens desse povo enxergam esses espaços e suas percepções enquanto indígena diante das situações que são presenciadas por eles/as nos mesmos. A forma como enxergamos o mundo a nossa volta advém de uma formação cultural e política, portanto, não deixando de ser povo em nenhum momento.

Nesse contexto acadêmico a maior dificuldade que os/as estudantes Xakriabá enfrentam é o preconceito e a falta de experiências dos/as profissionais das instituições em lidar com a diversidade de povos existentes no Brasil. Há uma leitura uniformizada no que diz respeito à cultura e uma resistência de deixar o livro escrito por um não indígena para ouvir as experiências vividas em contextos territoriais distintos de cada povo.

Antes de qualquer coisa, exigem sempre que há uma referência de um "outro" que não tem, necessariamente, vivência. Ou que há a mesma experiência diante de um aspecto. Ou seja, a maioria das vezes o ser e o sentir específico de cada um/a é ignorado.

Com o processo de deslocamento das aldeias até a universidade, o povo Xakriabá percebe que se faz necessário uma preparação dos/as jovens que vão seguir o caminho de formação na universidade no que diz respeito à cultura, já que são notáveis os choques culturais que eles/as sofrem no decorrer dessa trajetória e, principalmente, no primeiro contato com a realidade da sociedade não indígena. Reforçando a ideia de que podem ser o que o não indígena é, sem deixar de ser indígena. E a importância da preservação dos conhecimentos tradicionais; não expor os conhecimentos que não podem ultrapassar os limites da aldeia e sempre fortalecer as conexões culturais do povo, praticando a cultura dentro daquilo que é permitido praticar fora do território.

METODOLOGIA

O presente artigo foi desenvolvido a partir de experiências e conhecimentos empíricos, conversas com os/as jovens Xakriabá, estudos em revistas, jornais e outras referências que discutem a trajetória de jovens indígenas na luta por seus direitos originários, por demarcações de seus territórios ancestrais e pelo seu espaço no contexto acadêmico.

PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO NO TERRITÓRIO

O Território Xakriabá está localizado nas proximidades das margens esquerda do Rio São Francisco, no município de São João das Missões, norte de Minas Gerais. Atualmente tem uma população de aproximadamente 12.000 índios, que vive em um território demarcado e homologado de 54.000 hectares, dividido em 36 aldeias.

É um povo que vem conquistando espaços dentro das universidades e tem jovens espalhados por vários estados do

Brasil, matriculados/as em cursos superiores distintos. E apesar de todas as dificuldades encontradas no caminho, vêm resistindo e lutando para voltar formados e poder contribuir mais ainda para luta do povo Xakriabá.

O processo de escolarização nas aldeias Xakriabá é focado na educação indígena diferenciada, voltada para as questões culturais do povo e a realidade em que os/as estudantes estão inseridos/as. Todos/as os/as profissionais que atuam nas escolas do território são indígenas, portanto garantem que a educação escolar seja específica, diferenciada, intercultural e comunitária, ou seja, com a participação do povo como um todo.

Desde a Constituição de 1988 (BRASIL, 1988), a educação indígena passou a ser respeitada como uma modalidade específica, de caráter intercultural e bilíngue, em que combina a valorização dos saberes tradicionais das comunidades indígenas, seus processos próprios de aprendizagem e suas línguas maternas com os saberes da escola.

Para que haja a valorização cada vez maior dessa participação, além das disciplinas curriculares terem conteúdos focados nas rotinas e nas práticas culturais, há aquelas que são específicas, como uso do território, direitos indígenas, entre outras. Além de ter entre os/as professores/as aqueles/as que são responsáveis por trabalhar as questões culturais, que são conhecidos/as como professores/as de cultura.

Foto 1 – Aula sobre cultura xakriabá na Escola Indígena Bukimujú



Fonte: KANAYKO, Edgar Xakriabá, 2016.

Eles/as enfatizam que não são responsáveis por ensinar a cultura, mas para despertar todos os conhecimentos que estão adormecidos, pois quando se pertence a um povo, já nasce com toda a sabedoria do mesmo.

Quando chegam às universidades, esses/as jovens que tiveram toda a trajetória escolar até então na aldeia são alvos de preconceitos (CARTA CAPITAL, 2019), são considerados/as incapazes de estar ocupando esse espaço, no entanto essas pessoas estão equivocadas, pois esses/as jovens

são sim capazes não só de ocupar esse lugar que é seu por direito, mas também outros aos quais desejar.

E a universidade precisa valorizar os conhecimentos que os/as indígenas trazem com eles/as, pois assim como eles/as vêm dispostos/as a aprender, têm muito a ensinar à sociedade não indígena e têm capacidade de produzir conhecimento tanto quanto os/as demais universitários/as. Não devemos confundir conhecimentos diferentes com a falta de conhecimento.

IMPORTÂNCIA DA JUVENTUDE XAKRIABÁ NA UNIVERSIDADE

Os povos indígenas têm colorido cada vez mais as universidades de jenipapo e urucum, demarcando espaços no meio acadêmico. Nos últimos anos, houve um aumento significativo de jovens indígenas ingressando e concluindo cursos superiores nas instituições federais brasileiras.

O Censo da Educação Superior, realizado anualmente pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Anísio Teixeira), em 2017 mostra que, de 2015 para 2016, o número de indígenas matriculados nas universidades cresceu 52,5%, passando de 23.147 para 49.026 (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2018). Segundo a Kézia Abioran (2018), "os progressos na Educação Escolar Indígena têm contribuído para que cada vez mais estudantes se interessem em cursar o nível superior. As ações afirmativas e as políticas específicas também protagonizam a boa notícia".

O povo Xakriabá é um dos povos que têm enviado jovens para universidade, pois entende que contexto político atual do Estado brasileiro, onde os/as indígenas estão sendo ameaçados com todos os retrocessos e retirada de direitos, faz-se necessária a busca por ferramentas novas para lutar contra todas essas ameaças que os povos originários vêm sofrendo. E assim como os guerreiros da base estão lutando para garantir a demarcação dos territórios e a proteção das práticas culturais e principalmente da mãe terra, a juventude Xakriabá também está lutando e resistindo para demarcar seus espaços dentro das universidades, pois esse movimento até a universidade é uma conquista muito importante, onde dá oportunidade a esses jovens de tomar posse de uma das armas mais usadas no século XXI que é a caneta.

Segundo Durkwa Xakriabá, liderança da juventude Xakriabá, os embates que seu povo tem travado são contra canetadas. Para ele "mais do que nunca, é preciso ter domínio dos saberes não indígenas para garantir nossa ciência tradicional, território e vida. "

Atualmente, a juventude Xakriabá tem participação direta na LUTA do povo, mantêm-se organizados/as em grupo de jovens espalhados pelas 36 aldeias com o objetivo de formar jovens lideranças, trabalhar a formação política, praticar a cultura e resgatar alguns ritos que foram deixados de ser realizados devido a intervenção dos brancos.

Esses/as jovens enxergam a universidade como uma oportunidade de ajudar seu povo no processo de luta e também como uma forma de ocupar os espaços dentro dos

territórios que ainda são ocupados por brancos, pois nada melhor do que o povo cuidar do próprio povo, já que a presença de profissionais brancos contribui ainda mais com o processo de aculturação forçado da medicina convencional que não vai ao encontro das práticas tradicionais das comunidades.

O mais importante para eles/as é a garantia da preservação cultural, uma vez que é a juventude que tem a responsabilidade de pegar não só o território nas mãos dos anciões, mas também os conhecimentos tradicionais e repassar para as próximas gerações.

Quando um jovem Xakriabá inicia o movimento nessa caminhada em busca de ferramentas novas para o povo, ele/a não só alimenta um sonho individual, mas também de todos/as, pois com esse sonho vem a responsabilidade e o compromisso com aqueles/as que permanecem no território. Aqueles/as que ainda não conseguiram enxergar um fio de oportunidade tão pouco visível que custa chegar até as comunidades.

Portanto, um/a estudante indígena não está sozinho/a na universidade, ele/a representa os anciões, os pajés, as mulheres, os homens e as crianças, enfim, todos aqueles/as que estão na aldeia sustentando a cultura e a luta, que ainda não tiveram oportunidade de estar nesse espaço ou que não tiveram acesso nem à educação básica.

O ADOECIMENTO DOS JOVENS XAKRIABÁ DENTRO DA UNIVERSIDADE

Apesar de ser um sonho realizado, essa chegada até a universidade traz grandes preocupações para o povo Xakriabá. Pois com o deslocamento do território para cidade para ingressar na universidade, os/as jovens indígenas se deparam com uma realidade totalmente diferente daquela a que estão acostumados, à qual precisam se adaptar, com toda essa bagagem vem também às divergências culturais, o adoecimento.

As universidades não estão preparadas para receber essa diversidade de povos, nem para lidar com o choque cultural que sofrem quando chegam. Na maioria das vezes, elas acabam devolvendo para as aldeias jovens doentes.

> "Nós alunos indígenas vivemos em comunidades, em um ambiente geograficamente e culturalmente diferente dos espaços urbanos aos quais se abrigam as Universidades, desta forma há uma dificuldade em relação à adaptação a estes espaços. A visão de mundo é completamente diferente e as cobranças desse meio que em muitas vezes nos causam inseguranças, ocasionam problemas na capacidade de lidar com o "novo", não é um processo simples, pois precisamos de assistência e essa assistência não é só financeira, mas é para além disso, é um tipo de acolhimento, onde será necessária uma compreensão e respeito ao diferente." (Jucyrema Xakriabá, entrevista concedida).

Algumas universidades têm disponibilizado núcleos de apoio a estudantes indígenas. Esses núcleos não têm garantido a saúde mental dos/as mesmos/as. É possível notar também que onde esses núcleos são novos ou estão em processo de implantação, o atendimento não tem ajudado tanto quanto deveria.

Pois alguns/mas profissionais não possuem experiência com povos indígenas, o pouco que tem é baseado em livros e, muitas vezes, a instituição não está interessada em como esses/as jovens chegam nesses espaços, qual seu histórico e como se dá o processo de adaptação. Simplesmente quer que ele/a desenvolva como os/as demais.

Atualmente têm sido recorrentes as discussões sobre o adoecimento e saúde mental dos/as universitários/as, mas não há discussões voltadas sobre o adoecimento mental dos/as estudantes indígenas nesses espaços. Se esses espaços têm se tornado cada vez mais adoecedor para os/as jovens que praticamente têm o mesmo convívio, a mesma cultura, imagina como é isso para os/as indígenas.

Em várias instituições, mesmo onde há presença de profissionais que ajudam em muitos outros contextos, ainda é possível notar a falta de um/a psicólogo/a que esteja disponível para o atendimento imediato a esses/as estudantes e que possui uma formação voltada para as questões que eles/as trazem, principalmente problemas voltados para as questões das divergências culturais. Com a migração dos/as jovens para as universidades, o povo Xakriabá percebe que há um adoecimento mental diferente das doenças que envolvem as questões culturais, com isso vem também uma grande preocupação, pois essas doenças podem vim a colaborar para o crescimento do índice de suicídio no território, uma vez que esse índice já é muito alto.

E não só os Xakriabá, mas também outros povos vêm buscando formas de entender o porquê desse fenômeno dentro dos territórios e uma vez que percebe que a universidade traz questões que podem ser um fator que venha a resultar em suicídio, faz-se necessária uma reflexão de como preparar os/as indígenas para ocupar esses espaços e como essas instituições estão pensando a saúde mental desses/as estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O povo indígena Xakriabá vem lutando para ampliar seu território, a juventude tem uma participação ativa nessa e em outras lutas. Para isso, há alguns anos vem se mantendo organizados/as em grupos que discutem políticas, direito e os aspectos culturais e sociais que se encontram as aldeias que compõem o território.

Esse movimento de demarcar espaço nas universidades é resultado dessa organização que entende que esse movimento é de luta e é também uma forma de garantir o acesso a todos os direitos para as futuras gerações.

Nesse cenário atual de retrocesso de direito promovido pelo Estado brasileiro, esses jovens têm se organizado cada vez mais e assumem o compromisso de ocupar todos os espaços que farão com que aqueles que não respeitam a diversidade ouçam a voz dos/as indígenas, pois

um dos espaços mais importantes que deve ser ocupado dentro da universidade é o lugar de fala, porque só um/a indígena que tem vivência de comunidade e espírito de povo pode falar sobre indígena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIORAN, Kézia. Fundação Nacional do Índio. *Cresce o número de estudantes indígenas nas universidades.* Disponível em: <https://www.funai.gov.br/index.php/cominicacao/noticias/4720-cresce-o-numero-de- estudantes-indigenas-nas-univerdades>. Acesso em: 15 ago. 2019.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*, 1988. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 1 set. 2019.

CARTA CAPITAL. *Indígenas são alvo de discurso preconceituoso*, 2019**.** Disponível em:<https://www.cartacapital.com.br/opniao/indigenas-vao-alvo-de-discurso-preconceituoso-em- universidades/>. Acesso em: 15 ago. 2019.

FACEBOOK. *Kanayko Etnografia,* 2016. Disponível em: <www.facebook.com/kanayko. etnografia/> Acesso em: 1. set. 2019.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. *Estudantes ganham as universidades.* Disponível em:<https//www.justiça.gov.br/News/estudantes-ganham-as-universidades>. Acesso em: 15 ago. 2019.